

PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS DE ESCRITA: EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Tanara Luiza Nicolitchi Gallego

Thaís de Vasconcelos Borges Paiva

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo socializar as experiências de crianças de 6 e 7 anos, no âmbito das investigações da infância, voltadas para a ampliação da expressão oral e escrita. Os contextos didáticos são potencializados em situações planejadas e articuladas à função social da escrita. Como instrumentos metodológicos, utilizam-se os bilhetes para troca de mensagens e o diário, recursos que favorecem a construção da comunicação oral e escrita por meio de ferramentas significativas e atraentes aos olhos das crianças. O envio de mensagens inspira-se em práticas cotidianas das escolas municipais de educação infantil de Reggio Emilia, do norte da Itália, e o diário emerge de um contexto de valorização da mulher, no qual Anne Frank e seu diário ganham destaque nas investigações. Nesses contextos, a alfabetização se entrelaça a uma nova experiência entre os sujeitos, na qual a escrita, o conhecimento, o desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais propiciam a circulação e o intercâmbio do que já está construído, contribuindo para novas conquistas e aprendizagens. Metodologicamente, trata-se de um estudo que considera a escuta atenta, a expressividade, a singularidade das crianças, o projeto educacional da instituição, os objetivos intencionalmente traçados, o registro e a documentação pedagógica, com a finalidade de demonstrar como é possível avançar na alfabetização de forma significativa e funcional. Os resultados evidenciam crianças engajadas, emocionalmente felizes e autônomas na escrita e leitura. O estudo fundamenta-se nas teorias de Freire (2014), Teberosky e Ferreiro (2008), Coll (1996), Kleiman (2008), Edwards, Gandini e Forman (1999) e Silva (2009) e Soares (2003).

Palavras-chave: Infância; Competências; Alfabetização.

Introdução

Este artigo refere-se às experiências de práticas educativas na alfabetização vivenciadas nas turmas de 1º ano de 2025, práticas que têm em sua fundamentação teórica a concepção socioconstrutivista, interacionista e o protagonismo infantil. Para Coll (1996, p. 45): “O socioconstrutivismo entende a aprendizagem como um processo de construção compartilhada de significados, que ocorre em situações de interação e colaboração”.

A criança é incentivada a investigar, questionar e elaborar ideias, construindo uma compreensão mais profunda e significativa sobre o mundo que a cerca e,

consequentemente, sobre a função social da escrita. Assim, a alfabetização se estabelece como um movimento ativo, constante e coletivo, no qual a escuta sensível dos educadores assume um papel essencial ao reconhecer e valorizar as descobertas e hipóteses das crianças. Entretanto, é necessário que esses registros interpretados e as percepções se convertam em novos desafios e possibilidades de experimentação, assegurando a continuidade das aprendizagens e a ampliação das vivências de cada educando.

No ambiente escolar, o protagonismo infantil manifesta-se em diversas práticas. Por meio da escrita do diário e da troca de mensagens, percebe-se o estudante interagindo de maneira autônoma. Freire nos instiga a refletir com os alunos sobre a realidade concreta, permeada de emoções e sentidos. A partir dessa colocação, o diário e as mensagens configuram-se como instrumentos de diálogo e reflexão sobre a cotidianidade infantil. Além disso, essas propostas favorecem de forma significativa a autonomia e a satisfação das crianças na trajetória da alfabetização. Assim, procura-se transformar as vivências da escola em um espaço instigante de investigação, criatividade, produção de sentidos e construção de saberes.

Desenvolvimento

Os contextos de aprendizagens, as práticas de registro e comunicação das crianças favorecem o desenvolvimento da linguagem, da autonomia e da expressão subjetiva. Entre essas práticas, destacam-se o diário e o correio com as trocas de mensagens.

O diário é concebido como um espaço pessoal em que cada criança escreve cotidianamente sobre sentimentos, percepções e acontecimentos vividos. Nesse registro, a escrita se articula a elementos simbólicos, com linguagens distintas como: colagens, desenhos e pequenas recordações (papéis de bala, recortes, entre outros), que ampliam as formas de expressão. Essa prática contribui não apenas para as habilidades linguísticas e o exercício da escrita espontânea, mas também para o fortalecimento da identidade, da memória e da construção de sentidos individuais e coletivos. Para Soares (2003, p. 99): “A escrita deve ser entendida não apenas como um conjunto de habilidades linguísticas, mas como uma prática social que se realiza em diferentes contextos e cumpre diversas funções na vida cotidiana”.

Já o correio, inspirado em uma prática vivida nas escolas de Reggio Emilia, consiste na troca de bilhetes entre as crianças por meio de mensagens colocadas em

compartimentos individuais, que funcionam como caixas de correio pessoais. Esse recurso metodológico possibilita experiências significativas de comunicação, nas quais os alunos produzem, recebem, apreciam e leem mensagens. Essa prática valoriza a autoria, promove vínculos sociais, incentiva a leitura com propósito, além de inserir o educando em contextos sociais de leitura e escrita de forma lúdica.

Diário

A proposta do diário nasceu em um momento de sensibilidade e reflexão coletiva sobre o papel da mulher na sociedade. A professora organizou uma série de conversas com as crianças, apresentando figuras femininas que marcaram a história da humanidade. Entre elas, surgiu a história de Anne Frank, uma menina que, mesmo em condições adversas, encontrou no diário uma forma de expressão, resistência e esperança.

Ao ouvir a história, as crianças ficaram intrigadas com a ideia de ter um caderno em que pudessem guardar pensamentos, sentimentos e pequenas lembranças do dia a dia. Foi elaborado um contexto de confecção de pequenos cadernos com tecido quadriculado, dando um caráter artesanal e especial ao objeto. Assim, iniciou-se um movimento cotidiano: ao chegar na sala, ao final do dia ou em algum momento oportuno da jornada escolar, as crianças registraram aquilo que consideraram importante. Esse exercício revelou-se muito mais do que uma atividade de escrita. Os diários se transformaram em espelhos de expressividade: um espaço em que cada aluno podia se reconhecer e se expressar sem julgamentos. A espontaneidade foi respeitada; não houve obrigação de escrever corretamente ou de obedecer a um padrão. O que importou foi o registro vivo, verdadeiro e único. De acordo com Freire (1996, p. 47): “A escrita é uma forma de expressão da própria experiência, que possibilita ao educando compreender o mundo e agir sobre ele, valorizando sua subjetividade e construindo sua autonomia”.

Correio

As crianças, reconhecidas como protagonistas de suas próprias aprendizagens, elaboraram teorias provisórias acerca do funcionamento de um correio, investigando possibilidades quanto ao envio e recebimento de mensagens e discutindo formas de comunicação entre colegas. Nesse percurso, personalizaram caixas postais, atribuindo-lhes marcas pessoais de pertencimento. Posteriormente, iniciaram de maneira efetiva a

prática da troca de mensagens. Esse movimento revelou não apenas a curiosidade e o envolvimento dos educandos, mas também a capacidade de criar hipóteses, experimentar estratégias e construir significados coletivos em torno da escrita. Conforme Edwards, Gandini e Forman (1999, p. 25), as teorias provisórias surgem quando “As crianças formulam hipóteses que são testadas e modificadas à medida que novas informações são adquiridas”.

Inserida nesse contexto, a proposta pedagógica, alinhada aos objetivos e desafios da série/ano, possibilitou uma ampla variedade de vivências e aprendizagens. A experiência com o correio da turma favoreceu a visibilidade dos desejos e interesses das crianças, ampliou suas oportunidades de expressão e fortaleceu a motivação para escrever, ainda que em registros não convencionais. Conforme Kleiman (2008, p. 17) afirma:

A escrita é sempre uma atividade social, situada em práticas que envolvem interlocutores, objetivos e significados compartilhados culturalmente. Nela, as crianças constroem sentidos e aprendem a organizar suas ideias de forma autônoma e intencional.

Considerações finais

Os efeitos pedagógicos das práticas descritas tornaram-se evidentes no decorrer do tempo. As crianças passaram a se sentir mais confiantes ao escreverem com mais frequência, encontrando no diário e na troca de mensagens uma forma de comunicação. A relação com a alfabetização ampliou-se pela necessidade de narrar experiências e refletir sobre a escrita, arriscando-se na formulação de hipóteses, na construção de novas palavras e na leitura de mensagens em pequenos textos. O diário e o correio mostraram-se aliados na educação socioemocional, pois permitiram que sentimentos como alegria, tristeza e medo fossem externalizados e acolhidos.

Além disso, os momentos de partilha, quando algumas crianças escolhiam ler as mensagens ou mostrar trechos de seus diários, favoreceram a escuta ativa do grupo e o respeito às narrativas pessoais, criando uma atmosfera de confiança na sala de aula. A escrita, que já não era vista como um exercício mecânico, passou a ser ainda mais percebida como um ato de sentido e expressão pessoal.

As experiências de escrita e leitura, por meio do diário e do correio no 1º ano do ensino fundamental, evidenciaram a importância de práticas pedagógicas que valorizam a expressão individual e coletiva das crianças. Ao se envolverem na produção de textos,

desenhos, colagens e mensagens, os estudantes não apenas desenvolveram habilidades de leitura e escrita, mas também ampliaram competências socioemocionais.

Assim, tanto o diário quanto as mensagens trocadas por meio do correio ultrapassam a condição de um simples caderno ou bilhete, transformando-se em instrumentos pedagógicos vivos. Eles dialogam com a subjetividade infantil, fortalecem vínculos e ampliam as possibilidades de aprendizagem significativa, atribuindo à escrita uma função social e expressiva.

Referências

- COLÉGIO EMILIE DE VILLENEUVE. Projeto Educativo. São Paulo, 2024 - 2029. COLL, César. Psicologia e currículo. São Paulo: Ática, 1996.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, Emília.; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- KLEIMAN, Ângela Bustos. Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. 10. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- SILVA, T. G. Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.